

ENTREVISTA

Ética, Educação, Política e Tecnologia

Por Nágila Oliveira dos Santos

Revista África e Africanidades entrevista Júlio César de Almeida de Oliveira, pedagogo (UFRJ) pesquisador e um dos autores do livro *Ética e Educação: uma abordagem atual*. As perspectivas e desafios da educação brasileira e a crise moral e ética em que vivemos são alguns dos pontos destacados pelo pesquisador.



“A ética não seria ensinável,
mas vivenciável e discutível,
daí não vê-la como um prato
caro/raro, mas de sabor difícil
de distinguir”

Revista África e Africanidades: *Sobre Ética e Educação no Brasil.*

Julio César Almeida: Processo lento ainda... e o comprometimento não deve ser visto apenas como do Estado... a “cultura do jeitinho brasileiro” esbarra no “agora não, deixa para depois, deixa eu ver a novela...” e depois ainda tem “paredão no BBB”.

Revista África e Africanidades: *Sobre os discursos sobre a educação no Brasil.*

Julio César Almeida: Em sua maioria: generalizantes, utópicos, impulsivos. Em sua minoria: sufocados, ditos “de pouco efeito”, rarefeitos, mas, muitas vezes, analíticos, problematizados, mas não vendem jornais, nem livros em massa... esses últimos discursos deveriam ser levados mais a sério, mas geralmente não são capazes de fazer verão...

Revista África e Africanidades: *Está clara a proximidade entre a frágil educação e a criação de pessoas alienadas e submissas. Qual a solução para uma sociedade na qual passa a ser uma constante notícias de agressões físicas entre alunos e professores?*

Julio César Almeida: Está relação entre a fragilidade da educação é a submissão das mentes a “regimes efêmeros”, alienando-se, precisa passar, primeiramente, por uma visão de educação mais abrangente e não somente escolar – daí as mídias, Internet etc. Com a dissociação entre educação escolar e não escolar, já não teríamos um “remédio” único (uma panaceia) para todos os males sociais, dentre eles a violência dentro da escola, mas poderíamos minimizar isso, injetando em nossa sociedade maior importância à educação e aos seus profissionais, os educadores (novamente a questão da barreira entre o acadêmico e o cotidiano). Permitam-me o questionamento ao final: se valorizam a opinião da personagem da novela das 21h, sua imposição comportamental, suas vestimentas, suas gírias, por que não valorizar o papel do professor?

Revista África e Africanidades: *Como você avalia a formação de professores no Brasil?*

Julio César Almeida: Vejo a carência de investimentos na educação, a falta de valorização/baixa remuneração do professor, como falhas gravíssimas do Estado, mas algo que me incomoda desde a minha graduação em Pedagogia é o descaso do próprio educador/futuro educador com sua formação, com a forma como encara sua profissão e a problemática educacional (outro trabalho pesquisa meu, que culminou em meu trabalho de final de curso, *Reflexão e Conceito em Educação: os alunos do curso de Pedagogia e sua concepção de educação* buscou obter dos graduandos o que pensavam sobre educação, muitos preferiram não discorrer sobre o tema proposto...). O pouco interesse que observei por questões mais aprofundadas envolvendo a educação, que vão além dos *jargões pedagógicos* – e da leitura dos “Deuses” da Pedagogia, os ditos “pré-requisitos” do pedagogo, e que estavam na moda, principalmente – aquela busca por conhecimento e mudança, via pouco. Muitas vezes, esse educador joga toda a sua formação nas mãos da instituição de ensino e do Estado, cria-se com isso um ciclo vicioso “da culpa é de quem”... Em outros casos, meus colegas educadores começam a exigir uma gama cada vez maior de disciplinas como solução para a formação, daí podem surgir: uma para aprender a aplicar a técnica (esse termo “técnica” é comumente associado ao termo “tecnicista” e muitas vezes se torna um *sacrilégio* mencioná-lo na pedagogia...); outra para *aprender a ter* uma postura crítica/política; outra ainda para *aprender a fazer ligações* entre teoria e prática (essa dicotomia, para muitos educadores, mais parece crise existencial) pedagógica, dentre outras reivindicações para inchar o currículo (participei de uma

comissão para a reformulação do currículo do curso de Pedagogia da UFRJ, por volta de 2004, e tivemos muitos problemas para enxugar as grades curriculares...). Poucos também os que se mostram, na graduação, interessados em pesquisas da sua área; menos ainda em apresentar seus trabalhos nos eventos acadêmicos da casa ou de outras instituições; eventos *mais sérios* são pouco procurados ou mesmo conhecidos, as *colônias de férias* dos *pseudo-revolucionários* são as mais concentradas e nelas gira-se em círculos... O meu questionamento seguiria: (além das visíveis carências em investimentos na área, desvalorização/má remuneração do profissional da educação) por que o educador brasileiro não leva mais a sério o que faz e o que é? Por que parece ter medo de aprimorar suas técnicas e introduzir outras de outros campos e, com isso, por que o medo de uma prática mais “exata”, mais precisa, mais comprometida?

Revista África e Africanidades: *Quais os principais desafios e perspectivas da educação no Brasil?*

Julio César Almeida: A qualidade das políticas voltadas ao setor e a receptividade destas pela população (lembrem do: “agora não, deixa eu ver a novela... daqui a pouco vai ter paredão no BBB”; acrescentem também o argumento ad hominem: “tudo que vem do governo não presta”). A equalização desses fatores poderá nos trazer boas perspectivas.

Revista África e Africanidades: *Além da falta de ética verificada na mídia, tal característica pode ser encontrada em muitos outros setores, principalmente na política; como temos visto nos últimos anos, ou até mesmo em pequenos gestos familiares, com pais que ensinam determinado conceito, mas não dão o exemplo. Como ensinar o que é ética no mundo que vivemos hoje?*

Julio César Almeida: O que comumente chamam de “falta de Ética” é o que chamo de falta de aprofundamento sobre a mesma, no sentido de não compreendê-la como embasamento social, ainda que ela pareça não existir, quando na verdade estaria sendo menosprezada em alguns casos, em outros, compreendida de forma arbitrária (quando o sujeito se julga “fazedor de ética/moral”). Acaba-se, então, por vê-la como um espécime raro *degustado* apenas por acadêmicos, por filósofos, quando na verdade perpassa nosso dia a dia, *alimenta* a forma como nos relacionamos entre si na sociedade. A Ética não seria ensinável, mas vivenciável e discutível, daí não vê-la como um *prato caro/raro*, mas de sabor difícil de distinguir. O exemplo e o modelo estão muito ligados à forma como buscamos compreender a Ética, por isso, ela ser algo teórico e também prático. Partir de discussões envolvendo a temática, as polêmicas dentro dela, é uma boa forma de tratá-la em sala de aula, em casa, na mídia. Mas ter medo ou preguiça de discutir certos assuntos, em nada ajudará a compreendê-la e a vivenciá-la. Mas, outro desastre seria dar soluções dogmáticas para as questões discutidas: o professor, o familiar, o jornalista, o comentarista podem conduzir o debate, mas mostrar o final dele, mostrar “a única verdade”, não.

Tecnologia e Educação

Revista África e Africanidades: *E em relação à tecnologia? Como você enxerga o uso dessa ferramenta desde cedo por todas as crianças, influenciando de forma direta na educação?*

Julio César Almeida: Seria mesmo excelente que todas as nossas crianças tivessem acesso a tecnologias como a Internet em Banda Larga (acredito chegaremos lá, nosso país tem avançado). Claro, em se tratando de criança, precisaríamos gerenciar isso, direcionando-a primeiramente para alguns conteúdos, temas construtivos, instigando a reflexão, o posicionamento dela frente ao que observa, estuda – o que não significa enxugar todo o entretenimento que essa tecnologia também pode proporcionar – e, aos poucos, deixar que construa seus próprios *links* entre conhecimentos. Isso por si já provoca uma mudança na órbita da educação – e teremos mais uma vez uma educação para além dos muros escolares.

Revista África e Africanidades: *Como os professores devem ser capacitados para lidar com a sociedade da informação?*

Julio César Almeida: Precisam ter mais acesso a essa informação toda que circula nesse novo panorama social, em especial através da mídia digital, da Internet. Um programa nacional de Banda Larga precisa sair do papel... acabei de ler através do *Twitter* que o governo teve de apertar o orçamento, reduzindo as verbas para o programa de Banda Larga, o PNBL, no entanto, pretende ainda em 2010 lançar uma primeira fase do projeto em cerca de 100 cidades... já é um começo, mas penso ainda num Brasil de acesso realmente livre a essa tecnologia... voltando ao professor, vejo que este precisa, além da Internet, de acesso ao hardware (ao “computador físico”) que pode reduzir ainda mais seu preço. Eles (os professores) precisam estar mais “conectados”, mais próximo a esse universo da criança e do jovem dessa sociedade da informação acelerada. Claro, uma filtragem dessa informação precisará ser feita ou em vez de professores da informação teremos professores da “desinformação”.

Ética e Política

Revista África e Africanidades: *Sobre Ética, Discursos e Política no Brasil*

Julio César Almeida: A Ética tem estado em debate a partir, principalmente, dos discursos dos nossos homens da política (quantas vezes já ouviu falar em Comissão de Ética... CPI disso e daquilo?). Escândalos de corrupção (*mensalões* e *propinodutos*) trazem à tona questões éticas/morais que ferem a grande população – ainda que depois virem motivo de chacota, de mote para programa humorístico e acabem pelo *ralo* da banalidade –, justamente por essa perceber (a população) *incompatibilidades* nos discursos dos que governam. Um discurso não é somente abstração, precisa estar ligado a alguma forma de ação e é aí que a Ética casa com a Argumentação.

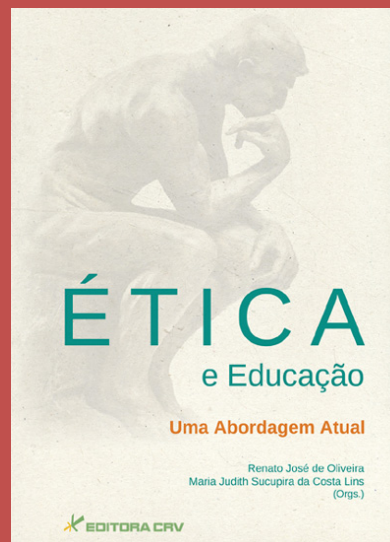
A retórica da crise

Revista África e Africanidades: Em “A retórica da crise: argumentando contra a depressão econômica”, você chama a atenção para o conceito de “lugares de argumentação” de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Como você pode resumidamente problematizar esta idéia para os nossos leitores?

Julio César Almeida: Os lugares da argumentação são os espaços nos quais os argumentos simulam, projetam uma imagem na mente do auditório (auditório não somente o que ouvi passivo, mas que participa da argumentação do orador); daí termos, por exemplo, o *lugar a quantidade*, privilegiando o que possui maior quantidade em relação ao que possui menos: “em time que está vencendo, não se mexe” ou “se até aqui deu certo, não mude”. Esse *lugar da quantidade* é muito comum de se observar em questões como a que discuto no A *Retórica da Crise*: educação, políticas, gestão. O contrário seria o *lugar da qualidade*, quando se contesta a eficácia do tradicional: seria mesmo a frequência com que algo ocorre sinônimo de sua legitimidade, sua veracidade?(ou precisaríamos avaliar isso?).

Revista África e Africanidades: Dois anos passados da turbulência da crise de 2008 e dos discursos sobre a mesma, como você vê os principais desdobramentos a nível mundial e local?

Julio César Almeida: O mercado mundial, no jargão dos negócios, está *aquecido* em vários setores, tenhamos como ilustração o petrolífero e o



Ética e Educação: uma abordagem atual.

Renato José de Oliveira e
 Maria Judith Sucupira da Costa Lins (orgs.)

Editora: CRV

Ano: 2009

199 p.

R\$ 30,00

Para adquirir acesse:

www.editoracrv.com.br

Contatos de Júlio César
 Almeida:

E-mail:

julioalmeida1981@gmail.com

imobiliário; uma atmosfera de crescimento econômico e de confiança envolve principalmente nosso Brasil (que, como podemos auferir dos discursos do nosso presidente à época – podem encontrar alguns desses discursos no meu capítulo *A Retórica da Crise: argumentando contra a depressão econômica* – é um “sobrevivente da crise” 2008/2009), no entanto (infelizmente tenho de colocar esse “no entanto” aqui), isso também é motivo para termos cautela, afim de evitar a *cegueira* do excesso de confiança...

Planos

Revista África e Africanidades: *Quais são os seus planos para o futuro?*

Julio César Almeida: Tenho investido meus esforços em tecnologia da informação e comunicação para o ambiente corporativo, em micro e pequenas empresas, associada à gestão de pessoas, de tempo e à educação, pois uma empresa também é um ambiente propício ao aprendizado. Minha formação em educação, técnica e autodidata em informática, somando a uma pós-graduação (em andamento) em Gerenciamento de Projetos e a um emprego em uma empresa de projetos em engenharia, tem possibilitado essa convergência. Não deixei de ser um educador, pretendo levar a educação a outros campos e trazer outros campos para a educação.

Revista África e Africanidades: *Outros comentários que desejar.*

Julio César Almeida: Agradeço o espaço que dão a pessoas como eu e às ideias que divulgam em sua publicação. Precisamos desse espaço, dessa voz, para não termos apenas discursos rarefeitos... Vamos juntos por um maior comprometimento com nossa formação como cidadãos.